

coleção:  
**TEMAS ESPECIAIS- RUDOLF STEINER**

# **O CORAÇÃO e o DESENVOLVIMENTO HUMANO**

**Palestra de 26 de maio de 1922  
Dornach, GA 212**

**Título do Original:**

Menschliches Geistesstreben im Zusammenhang  
mit der Erdentwicklung GA 212,  
por Rudolf SteinerVerlag,  
ISBN 3-7274-2120  
Dornach, Suíça

**Direitos desta tradução reservados à**

João de Barro Editora Ltda  
Rua da Fraternidade, 156  
04638 – 020 São Paulo – SP  
Tel/Fax: (011) 5687-4254

**2ª Edição**

setembro de 2012

**Tradução:**

BERNARDO KALIKS

**Revisão:**

MARCO ANTONIO CLÍMACO

**Projeto Gráfico:**

GISELA MOTTA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Steiner; Rudolf, 1861-1925

O coração e o desenvolvimento humano / Rudolf Steiner ; tradução Bernardo Kaliks. -- 1. ed. -- São Paulo : João de Barro Editora, 2006. --  
(Coleção temas especiais)

Título original : Menschliches geistesstreben im zusammenhang.  
"Palestras de 26 de maio de 1922 Dornach, GA 212".

I. Antroposofia 2. Coração 3. Crescimento humano I. Título. II. Série.

06-2016

CDD-299.935

**Índices para catálogo sistemático:**

I. Coração e desenvolvimento humano : Antroposofia : 299.935

coleção:  
**TEMAS ESPECIAIS - RUDOLF STEINER**

# **O CORAÇÃO e o DESENVOLVIMENTO HUMANO**

**Palestra de 26 de maio de 1922  
Dornach, GA 212**

**Tradução:  
Bernardo Kaliks**





# **O CORAÇÃO e o DESENVOLVIMENTO HUMANO**

**Palestra de 26 de maio de 1922  
Dornach, GA 212**



# O CORAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Dornach, 26 de maio de 1922

Temos com freqüência considerado aqui o que acontece durante os primeiros anos de vida do ser humano quanto ao seu desenvolvimento. Há muitos anos indiquei que, até à troca dos dentes, o homem se comporta essencialmente como um ser que imita. Tudo o que acontece em seu ambiente é vivenciado com muita intensidade, de maneira instintiva, assim como em idades posteriores – e sem que o saiba – ele vivencia o que acontece no mundo exterior por meio dos órgãos de sentidos.

Por exemplo, temos um processo no olho que, de certa forma, imita o que acontece no exterior, tal como uma câmara fotográfica reproduz o que se passa diante dela. O ser humano vivencia o que é imitado em seu olho

e assim toma conhecimento do mundo exterior. O mesmo se dá com os outros órgãos sensoriais. No entanto, esse princípio da imitação está limitado à periferia da entidade humana apenas em idades posteriores. Durante a infância, até a troca de dentes, o corpo como um todo participa dessa imitação – embora com menor intensidade. Num certo sentido, o corpo todo mantém com o mundo exterior uma relação semelhante à dos sentidos. O ser humano é basicamente um ser imitativo. Ao imita-lo, ele se conforma internamente ao meio externo, de acordo com a atuação que este tenha sobre ele. Justamente por isso é tão importante que nós, nessa idade, não permitamos que aconteça nada no ambiente da criança que não possa ser aceito e apropriado por ela, inclusive pensamentos e sentimentos.

A partir da troca dos dentes, abre-se para a criança a possibilidade de incorporar o elemento representativo e não mais se comportar como um órgão de sentido. A criança começa – e o faz cada vez mais – a receber o que se fala para ela como uma norma. Antes disso, a norma é o que se faz em seu ambiente, ao passo que agora ela acolhe o que se diz. Dessa maneira, a autoridade se torna o elemento decisivo no período entre a troca dos dentes e a adolescência. A criança deve poder se orientar claramente pelo que se lhe diz. Ela já aprendeu a falar por imitação; mas o que pode ser expresso pela linguagem, o que o



adulto pode lhe comunicar por meio da fala, torna-se o elemento decisivo apenas a partir da troca dos dentes. A verdadeira capacidade de julgamento tem início com a adolescência, quando os jovens começam a fazer valer sua própria capacidade de julgar. Só então se pode supor que a criança comece a fazer julgamentos a partir de seu próprio interior.

Esse processo foi inicialmente caracterizado do ponto de vista exterior, tendo em vista a forma pela qual a trajetória de desenvolvimento da criança no mundo se oferece à percepção imparcial. Mas tudo isso está relacionado a processos internos muito significativos e é sobre eles que quero falar a vocês hoje. Tenho dito freqüentemente que o corpo etérico humano vive em íntima ligação com o corpo físico até a época em que se inicia a troca dos dentes. Por isso, tenho descrito a segunda dentição como o verdadeiro nascimento do corpo etérico. Podemos falar de maneira semelhante sobre o nascimento do corpo astral na adolescência. Mas, já disse, esses processos foram caracterizados apenas externamente e hoje queremos chegar às verdadeiras características internas.

Quando observamos o ser humano muito antes dele desenvolver a tendência a descer do mundo espiritual para a encarnação física, o encontramos como entidade anímico-espiritual no mundo anímico-espiritual. Todos nós fomos assim antes de descermos e nos unirmos ao que

foi preparado como corpo físico no organismo materno. Então nos ligamos ao corpo físico para poder vivenciar o período da existência terrestre entre o nascimento e a morte. Antes, por um longo período de tempo, fomos seres anímico-espirituais no mundo anímico-espiritual. O que fomos e vivenciamos ali se diferencia muito do que vivenciamos na Terra entre o nascimento e a morte. Por isso é tão difícil apresentar as vivências relativas ao período entre morte e novo nascimento, visto que elas são muito diferentes das condições terrestres e o ser humano faz suas representações de acordo com as experiências terrestres; ele necessita utilizá-las como apoio. Mas não caracterizaremos como o próprio ser humano é no mundo anímico-espiritual – o faremos amanhã e depois de amanhã: agora queremos ver como é sua aproximação na descida para a Terra, para então se vincular ao corpo físico.

O primeiro acontecimento anterior à aproximação ao corpo físico, ao embrionário do corpo físico, é que o ser humano atrai para si as forças do corpo etérico. Vivemos aqui na Terra no mundo físico, no mundo caracterizado por tudo o que percebemos por meio dos órgãos de sentidos e que apreendemos pela compreensão terrestre. Mas tudo que existe neste mundo está permeado pelo mundo etérico. O mundo físico que vemos, ouvimos, etc., está compenetrado por toda parte pelo mundo etérico.

O ser humano se aproxima dele mais cedo que do mundo físico. Antes de adquirir a tendência a unir-se ao mundo físico por meio do embrião, ele atrai para si as forças do mundo etérico. E assim fazendo, forma seu próprio corpo etérico.

Vamos desenhar um esquema no quadro negro para podermos acolher essas idéias com maior exatidão. Suponhamos que o anímico-espiritual que vem do mundo espiritual seja caracterizado por esta figura (figura I, azul). É claro que é apenas um esquema. O que o ser humano atrai inicialmente torna-se seu corpo etérico. E assim, à medida que ele desce do mundo espiritual, reveste-se com seu corpo etérico (figura I, laranja) Mas, dizer que

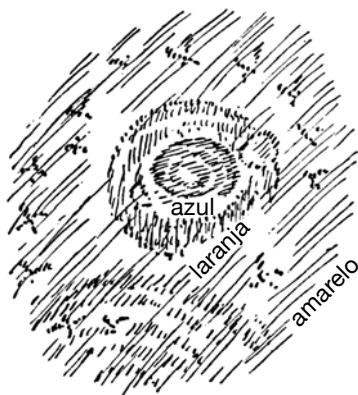


figura I

'o ser humano se reveste com seu corpo etérico' não explica muita coisa; devemos considerar a configuração do corpo etérico.

Num certo sentido, o corpo etérico que se forma no ser humano é um mundo em imagem. Por exemplo, ele mostra em seu ambiente estruturas estreladas (estrelas amarelas) e revela algo na parte inferior que se comporta mais ou menos como uma imagem da própria Terra. Sim, ele tem em si até mesmo uma espécie de reprodução do solar e do lunar.

Isso é extraordinariamente significativo, a saber, o fato de atrairmos as forças etéricas na descida do mundo etérico geral para o mundo terrestre e assim acolhermos em nosso corpo etérico uma espécie de imagem do cosmo. Se pudéssemos isolar o corpo etérico humano no momento em que ele se une ao corpo teríamos uma esfera com as estrelas, o zodíaco, o Sol e a Lua, de forma muito mais bela do que jamais se poderia conseguir por qualquer meio mecânico.

Essas configurações do corpo etérico ainda continuam a existir durante o período embrionário, enquanto o ser humano se funde cada vez mais com o corpo físico. Tornam-se um pouco mais pálidas, mas permanecem. E elas se mantêm até o sétimo ano de vida, até a época da segunda dentição. Ainda é possível reconhecer esta esfera cósmica no corpo etérico infantil. Por volta do sétimo ano

de vida, com a troca dos dentes, as estruturas perceptíveis no corpo etérico começam a se tornar irradiantes, antes eram mais parecidas a estrelas. Desenho de forma esquemática a configuração durante o período entre os sete e os quatorze anos de idade, da época da troca dos dentes até a puberdade, aproximadamente. (figura 2, raios alaranjados) Como disse, a configuração vai empalidecendo cada vez mais a partir do período embrionário, embora ainda exista claramente. Ela empalidece totalmente depois da segunda dentição, mas começa a enviar algo irradiante para o

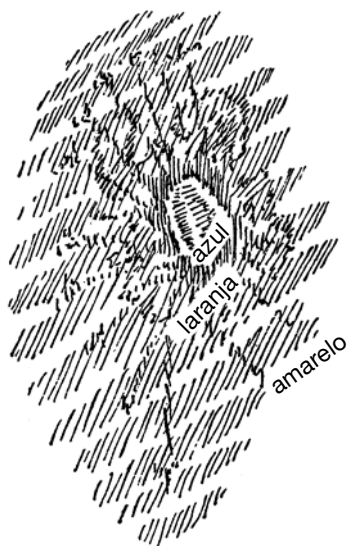


figura 2

interior. (laranja) Podemos dizer: as estrelas se dissolvem no corpo etérico humano, tornam-se raios que tem a tendência a se unirem no interior.

Tudo isso acontece, lenta e gradualmente, durante todo o período entre a troca dos dentes e a puberdade. Na adolescência, chega o momento em que esses raios confluíram completamente aqui, formando uma espécie de estrutura própria no interior, uma estrutura etérica (laranja). Poderíamos dizer: o que de início eram estrelas na periferia se irradiou para o interior; mais tarde esse processo termina, as estrelas empalidecem totalmente. É claro que sempre permanece algo, mas bastante esmaecido. Os raios também empalidecem. Em certo sentido, o que se condensou no centro torna-se especialmente vivo. Nessa condensação no meio, lá dentro, pendura-se o coração físico no período da adolescência. Tudo isso acontece na região do organismo em que está o coração físico com as artérias. (figura 2, em azul).

Este é o fato singular, o corpo etérico de estrelas contrai-se no interior. É claro que ele continua a existir para o ser humano como um todo. Mas ele segue existindo apenas no espaço exterior, ou seja, na periferia do ser humano, onde mais tarde vem a ficar indiferenciado, de maneira que não é possível distinguir muita coisa aí. Durante o período que se estende da segunda dentição até a adolescência ele está bem irradiante, de fora para dentro.

Então ele se contrai e nessa configuração está claramente pendurado o coração físico. Vocês não devem imaginar que não houvesse até então o coração etérico na criança; ela o possui, mas recebe o coração etérico de forma diferente àquela na qual ele se torna mais tarde. Pois, de fato, o que se condensa a partir da adolescência se torna o coração etérico. Como já disse, a criança também tem o coração etérico até a puberdade, mas o recebeu por herança, por meio das forças que estão no interior do embrião. Quando o ser humano acolhe o corpo etérico e se dirige com ele ao organismo físico, também é condensado um coração etérico pelas forças do corpo físico, um coração etérico, eu diria, provisório. Este coração etérico que o ser humano tem durante a infância apodrece gradualmente – apesar de esta expressão ser desagradável para os nossos hábitos, ela descreve exatamente a realidade – e em substituição àquele elemento que gradualmente apodrece, surge em seu lugar aquele coração etérico que é a condensação de toda a esfera cósmica, que é uma verdadeira imagem do cosmo e que trazemos em nós como estrutura etérica quando chegamos à existência terrestre por meio da concepção e do nascimento. Podemos então acompanhar uma mudança evidente em toda a configuração do corpo etérico que o ser humano leva consigo do período que vai desde o nascimento ou da concepção, até a adolescência.

Gostaria de dizer: apenas na adolescência existe o coração etérico próprio do ser humano, formado a partir de seu corpo etérico e não o coração etérico formado provisoriamente por forças exteriores.

Todas as forças etéricas ativas no ser humano até a adolescência tendem a lhe dar um coração etérico cheio de frescor. Em relação ao etérico é um processo que, na verdade, pode ser comparado à troca dos dentes. Pois até a segunda dentição tínhamos dentes herdados; eles são eliminados e substituídos pelos outros, os dentes que nos são próprios. De maneira semelhante, o coração etérico herdado que temos até a adolescência é eliminado e recebemos o coração etérico próprio. Isso é o essencial, o fato de só nesse momento adquirirmos o coração etérico próprio. Paralelamente, acontece agora outra coisa no ser humano. Se o olharmos tal como ele entra no mundo físico – quando é uma criança muito pequena – podemos diferenciar muitos órgãos em seu corpo astral. Como expliquei, o ser humano condensa o corpo etérico como uma imagem do mundo exterior. Mas ele traz uma imagem do que vivenciou entre a última morte e o nascimento em seu corpo astral. É extraordinário o quanto se pode observar desse corpo astral. Esse corpo astral é extremamente diferenciado e individualizado. E o característico é que este corpo astral, tão fortemente diferenciado, torna-se cada vez mais indiferenciado, na